



SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO

OURO PRETO - MG | 12

SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO

OURO PRETO - MG | 12

Créditos

Presidente da República do Brasil
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro de Estado da Cultura
João Luiz Silva Ferreira (Juca Ferreira)

**Presidente do Instituto do
Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**
**Coordenador Nacional do Programa
Monumenta**
Luiz Fernando de Almeida

Coordenação editorial
Sylvia Maria Braga

Edição
Caroline Soudant

www.iphan.gov.br www.monumenta.gov.br www.cultura.gov.br

Redação e pesquisa
Rogério Furtado

F992s Salvaguarda do patrimônio –
Ouro Preto-MG.
Brasília, DF: IPHAN / Programa Monumenta,
2008.
96 p.: il.; 15 cm. (Preservação e
Desenvolvimento; 12)

Revisão e preparação
Denise Costa Felipe

ISBN 978-85-7334-087-7

Design
Cristiane Dias

1. Patrimônio Histórico – Ouro Preto. 2.
Patrimônio Material. I. Instituto do Patrimônio
Histórico e Artístico Nacional. II. Título. III. Série.

Diagramação
Ronald Neri

Fotos
Arquivo Monumenta

CDD 721.0288

SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO

OURO PRETO - MG | 12



Apresentação

Este pequeno livro pertence à série Preservação e Desenvolvimento, uma coleção de registro das experiências desenvolvidas pelo Programa Monumenta na área da promoção de atividades econômicas, de educação patrimonial, de formação profissional e de capacitação.

Na qualidade de programa do Ministério da Cultura para a recuperação sustentável do patrimônio histórico brasileiro, o Monumenta se propõe a atacar as causas da degradação de sítios históricos e conjuntos urbanos tombados e a elevar a qualidade de vida das comunidades envolvidas.

Assim, muitas das ações propostas no âmbito do Programa, com apoio de estados e municípios, vêm permitindo a essas comunidades descobrir o patrimônio cultural como fonte de conhecimento e de rentabilidade financeira, como meio, portanto, de inclusão social.

Esse novo conceito de preservação transformou alguns dos sítios beneficiados em pólos de atividades culturais, turísticas e de geração de empregos, garantindo ao mesmo tempo a conservação sustentada de nosso patrimônio e melhores condições de vida para quem trabalha ou vive ali.

É uma dessas experiências que você vai conhecer agora.



Introdução

Ouro Preto, em Minas Gerais, tem recebido muita atenção do Ministério da Cultura, por meio do Programa Monumental/Iphan. Essa atitude se justifica plenamente em vista da importância da cidade, entre as primeiras a serem tombadas no país para integrar nosso Patrimônio Histórico e Artístico, já em 1938. A Unesco também a inscreveu na Lista de Bens do Patrimônio da Humanidade. Seu formidável acervo arquitetônico reúne cerca de mil edificações do período colonial e seu traçado urbano, de modo geral, também se manteve intacto.

Em pouco mais de um século, o município viveu dois períodos de características bem distintas. O primeiro principiou em 1897, quando Belo Horizonte se tornou a capital mineira, devido a questões políticas. Ouro Preto, antiga sede da administração estadual, caiu em relativo esquecimento. Por ironia da história, tal circunstância, aliada ao posterior tombamento, foi muito positiva do ponto de vista da conservação de sua riqueza patrimonial.

Contudo, a partir dos anos 1950/60, o Brasil entrou em um ciclo de rápida industrialização e urbanização, praticamente sem nunca ter conhecido o significado da palavra “planejamento”. Dessa onda avassaladora, Ouro Preto

não escapou. A cidade cresceu de forma caótica durante anos, ficando sob ameaça permanente de descaracterização, ou mesmo de perda do patrimônio histórico, ainda que parcial.

A situação mudou para melhor nos últimos anos. E o Programa Monumenta tem contribuído de maneira relevante para esse processo. Primeiro com a restauração de grande número de edificações históricas. Sob esse aspecto, destacam-se, por exemplo, as obras realizadas no Teatro Municipal (antiga Casa da Ópera), construído no século 18, o mais antigo da América Latina ainda em funcionamento, na Casa da Baronesa ou no imponente Adro da Igreja de São Francisco. No primeiro semestre de 2008, também foi entregue à população o Horto Botânico Vale dos Contos, um parque urbano implantado no seio da cidade colonial. Com tratamento paisagístico em toda sua área verde de 28 hectares, o horto constitui um componente destacado na paisagem urbana e um complexo de lazer interessante: contém anfiteatros, quadra esportiva, parque infantil, lanchonete, mirantes e trilhas.

Fora as obras, o Monumenta apoiou uma série de projetos destinados a salvaguardar o patrimônio imaterial de Ouro Preto e arredores, e a formar mão-de-obra especializada para trabalhar em construções históricas,



além de diversas iniciativas na esfera da educação patrimonial, com ótimos resultados. É o que se verá nas páginas a seguir.

Luiz Fernando de Almeida

*Coordenador Nacional do Programa Monumental
Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*







**Guardiões do
Patrimônio, um abraço
protetor**



Guardiões do Patrimônio, um abraço protetor

Um boato de que Ouro Preto poderia perder o título de patrimônio cultural da humanidade provocou rebuliço no segundo semestre de 2002. A possibilidade de a Unesco “cassar” títulos das cidades-monumento e de outros itens do patrimônio mundial é mínima. Se for necessário, ela primeiro os coloca no rol dos que estão em condição de risco. Mas, se Ouro Preto pulasse para essa categoria, sua reputação seria arranhada, com presumível queda da taxa de ocupação de hotéis e de pousadas, e também das receitas de outros segmentos que se nutrem do turismo. E havia motivos para preocupação. Do ponto de vista do patrimônio histórico, a situação na cidade estava malparada. Em agosto de 2002, o representante do Iphan em Ouro Preto, o arquiteto Benedito de Oliveira, participou de seminário em Olinda, promovido pela Caixa Econômica Federal e pela Unesco para avaliar as condições de preservação dos sítios históricos brasileiros declarados patrimônio da humanidade. Em resultado, obteve moção pedindo medidas urgentes para a preservação de Ouro Preto, aprovada por unanimidade e encaminhada ao Ministério da Cultura, à Unesco e à prefeitura do município.

Mais adiante, em princípios de abril de 2003, uma equipe prometida pela Unesco chegou para vistoriar o município. Como sinal dos tempos, em 14 daquele mês, um dia após a equipe ter deixado a cidade, o prédio do antigo Hotel Pilão, na praça Tiradentes, a mais importante da cidade, foi devorado por um incêndio. Faltaram recursos elementares para evitar a destruição: água nos hidrantes e mais gente e equipamentos nas fileiras dos bombeiros. Houve precedentes. Em novembro de 2002, um caminhão destruiu um chafariz. No mês seguinte, um chalé desabou, matando uma pessoa. Era obra irregular: o projeto havia sido aprovado pelo Iphan, mas os responsáveis pela obra resolveram alterar a planta... Com a destruição do prédio tombado, o assunto saiu da imprensa regional para os jornais de circulação nacional e, em pouco tempo, a notícia do incêndio reverberava mundo afora.



A equipe da Unesco também não ficou parada. De volta a Paris, o arquiteto dominicano Esteban Prieto fez um relatório circunstanciado da missão, em que fez constar várias recomendações à prefeitura de Ouro Preto. Uma delas era a elaboração e implantação de um plano diretor. No passado, planos diretores minuciosos foram elaborados para Ouro Preto com razoável freqüência, e engavetados no mesmo ritmo. Dois merecem ser lembrados: o primeiro, da Unesco, saiu nos anos 60, quando ainda seria fácil colocar a cidade nos trilhos, pois ela realmente “explodiria” só na década de 1970. O segundo, muito detalhado, consumiu um ano de trabalho de uma equipe da Fundação João Pinheiro, de Belo Horizonte e, como o primeiro, não vingou. Também foi recomendada a implantação de uma lei de uso e ocupação do solo; o ordenamento do trânsito; um reforço da equipe técnica e da infra-estrutura do Iphan; a criação de escola de artesãos que recuperasse os ofícios tradicionais; a delimitação do perímetro de tombamento; a preservação do sítio arqueológico do Morro da Queimada; a criação de uma política habitacional, para evitar a ocupação desordenada do solo urbano; e a formação de equipe técnica para gerenciar o centro histórico.

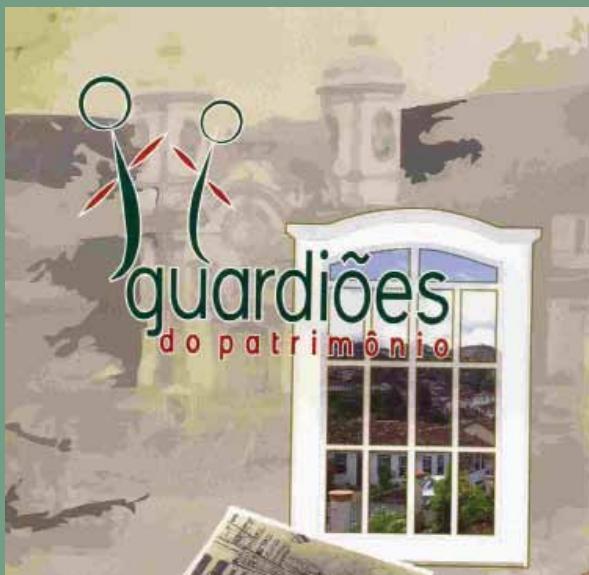
Desde então, muita coisa saiu do papel, como o plano diretor e a lei de uso e ocupação do solo. Ouro Preto agora também tem uma Secretaria do

Patrimônio e Desenvolvimento Urbano operante. Ao mesmo tempo, está havendo pesados investimentos na recuperação do patrimônio histórico, com destaque para as ações do **Programa Monumenta**. O Programa, em paralelo às obras de restauração, patrocinou uma série de projetos complementares de educação patrimonial, de resgate do patrimônio imaterial e de formação de mão-de-obra especializada em restauro, entre outros.

O primeiro projeto – **Guardiões do Patrimônio** – foi inspirado pelo diretor do Iphan que, ao retornar de Olinda, apresentou ao público local a mesma exposição que fizera no seminário. No recinto havia fotografias. Imagens centenárias da cidade ao lado de fotos recentes. A escritora Guiomar de Grammont, cidadã ouro-pretana, esteve lá: “A coleção mostrava com clareza o quanto a geografia de Ouro Preto havia mudado, particularmente nos últimos vinte anos. Até 1960, enxergávamos um panorama emoldurado pelo verde. Depois disso, a descaracterização da área urbana acelerou-se. A população precisava tomar consciência do problema para salvar o patrimônio histórico e cultural”. Guiomar, que já estava um tanto alarmada, concluiu que chegara a hora de fazer alguma coisa na esfera da educação. Foi assim que teve a idéia de formatar um projeto educativo, o Guardiões do Patrimônio, sendo encorajada por Oliveira. Várias reuniões foram

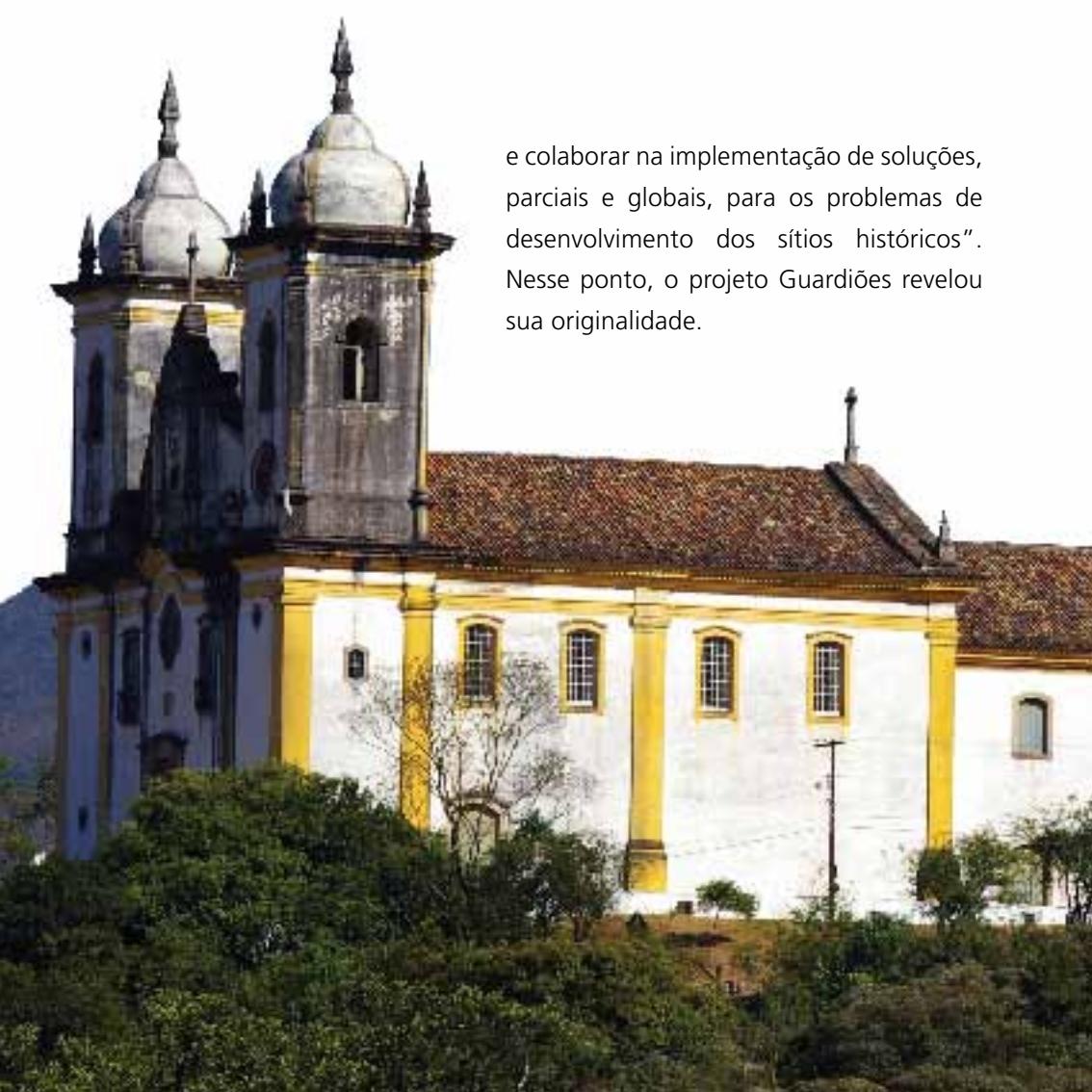
realizadas na sede do Iphan até surgir o texto básico do projeto. "Contei com a colaboração de Anna Maria de Grammont, professora de patrimônio cultural, e de Marta Resende, uma paulista que viera passar algum tempo na cidade. Com o documento pronto, organizei encontros para discutir o assunto com representantes de várias instituições", diz Guiomar.





Esses debates partiram de fatos amplamente conhecidos. Por exemplo, nas últimas décadas, o movimento anárquico de crescimento urbano no Brasil deixou um passivo enorme de destruição e descaracterização de áreas de grande valor cultural e ambiental. É preciso reabilitá-las sem perder de vista suas peculiaridades, lembrando que cidades como Ouro Preto, de grande importância política e econômica no passado, agora necessitam encontrar alternativas para se desenvolver. Ao mesmo tempo, um novo modelo de gestão deve incorporar as comunidades locais como agentes do processo. Para isso, elas precisam conhecer seu próprio patrimônio. Conhecido, ele se tornará valorizado sob vários aspectos: afetivos, culturais e econômicos. Uma vez valorizado, será preservado.

Em tais circunstâncias, o primeiro item da agenda é a educação patrimonial. Nesse campo, lembram os formuladores do projeto Guardiões, muitas iniciativas se limitam à “alfabetização cultural” de jovens estudantes, por meio da introdução de tópicos relativos ao patrimônio cultural nos currículos escolares. Estão também cada vez mais difundidas as visitas monitoradas a museus e a monumentos. São ações substantivas, mas é preciso romper esses limites: “A educação patrimonial pode e deve ser instrumento de formação de cidadãos capacitados a pensar, propor, dialogar



e colaborar na implementação de soluções, parciais e globais, para os problemas de desenvolvimento dos sítios históricos". Nesse ponto, o projeto Guardiões revelou sua originalidade.

Pronto o esboço, Guiomar saiu em busca de patrocínio. A aprovação do projeto pelo Programa Monumenta se deu em janeiro de 2005. Nova rodada de debates refinou a proposta, para tornar o curso mais atraente e efetivo. Essa preocupação tinha razão de ser, em vista do público que se pretendia atingir: pessoas adultas, de alguma forma ligadas à comunidade e interessadas na conservação do patrimônio. Como os adultos têm ocupações que lhes tomam grande parte do dia, freqüentar aulas noturnas com bom aproveitamento torna-se um exercício que exige determinação para vencer o cansaço. A contrapartida natural é oferecer aos alunos um ambiente agradável, com métodos compatíveis de ensino. Por isso, a presença na sala de aula foi reduzida para dois terços do tempo previsto anteriormente. O restante seria dedicado a atividades de campo, nos fins de semana. Ficou definido ainda que o ensino do conjunto de disciplinas se estenderia por todo o período letivo, com o emprego de métodos de aprendizado apropriados para adultos: debates, jogos, construção de maquetes e outros. Essas providências se destinavam a reforçar o vínculo entre professores e alunos e a própria interdisciplinaridade. Técnicas apropriadas seriam aplicadas para garantir a coesão do grupo.



Havia ainda o cuidado de manter os alunos motivados após a conclusão do curso. Foi então adotada a pedagogia de projetos. Essa filosofia de trabalho leva os alunos a estudar os conteúdos de várias disciplinas relacionadas à conservação do patrimônio e a fundir esses conhecimentos aos que acumularam em suas experiências individuais. Dessa forma, estarão prontos para desenvolver projetos sobre o tema preservação do patrimônio. “A pedagogia de projeto valoriza a história de vida, os modos de viver e as experiências culturais de cada cursista, uma vez que ele tem a oportunidade de decidir, opinar, debater, construir sua autonomia e seu comprometimento com o social, identificando-se como sujeito que usufrui e produz cultura, no pleno exercício da cidadania”, explicam os organizadores.



A prefeitura de Ouro Preto, uma das parceiras do projeto, encarregou-se de selecionar os participantes, sob a supervisão dos responsáveis pela iniciativa. Professores da rede pública e membros da comunidade dividiram as vagas, meio a meio. Uma cartilha didática foi produzida para ser utilizada em caráter experimental. No decorrer do curso seriam realizadas eventuais correções. O material também serviria de base para que os próprios alunos o utilizassem em seus futuros trabalhos enquanto “multiplicadores” de novas práticas junto às suas comunidades. Finalmente, em abril, iniciaram-se as atividades, com aulas de história de Minas Gerais; cultura e arte barroca; arquitetura e urbanismo; patrimônio cultural e preservação sustentável. O curso foi encerrado em dezembro de 2005, com 39 alunos diplomados.

Jaqueline de Grammont, coordenadora pedagógica do Guardiões, diz que o projeto se distinguiu por ter reunido um grupo bastante heterogêneo. “Eram pessoas de diferentes profissões, de uma ampla faixa etária e com graus de escolaridade muito diversos. Algumas não eram alfabetizadas, mas mesmo assim trabalharam de forma satisfatória com colegas que tinham diplomas universitários. Isso não é comum. Mas essa diversidade de público foi desafiadora e tornou o programa rico do ponto de vista pedagógico. Foi um trabalho dinâmico, com muitas visitas, mas também com leitura e escrita. Uns ajudavam os outros. Nessas circunstâncias, as coisas tendem a ir mais devagar, pois não nos privamos do estudo de textos científicos, ainda que de forma a permitir que todos pudessem comprehendê-los. Testamos várias estratégias de ensino e elas funcionaram bem. Isso mostrou que podemos repetir a experiência em qualquer lugar”. Esse era um dos objetivos dos organizadores: fazer do projeto-piloto um modelo que pudesse ser aplicado a qualquer cidade brasileira. Jaqueline prossegue: “De acordo com a pedagogia adotada, nossa intenção era fazer com que essas pessoas assumissem seu papel como protagonistas na conservação do patrimônio. Que elas pudessem se colocar como cidadãos capazes de formular, defender e executar projetos em suas comunidades, se colocando à frente dos processos



de preservação do patrimônio na cidade. Isso foi trabalhado o tempo todo". Começando por um exercício conjunto, que também objetivava a articulação das várias disciplinas.

O largo de São Francisco de Assis foi escolhido para o encontro, que reuniu todos os alunos e professores. Daquele ponto, os participantes foram convidados a olhar a cidade e buscar elementos que não “viam” no cotidiano. “Para alguns, o que chamou a atenção foi a atividade econômica. Um local que antes servira para o encontro de tropeiros, hoje abriga uma feira de objetos feitos com pedra-sabão. Qual o impacto dessa feira na conservação do patrimônio e na atividade turística, que nem sempre andam juntas?” Determinados alunos consideraram mais importante entender a própria igreja, o barroco dentro dela ou o entorno, e assim por diante. “Alguns declararam que tinham problemas com o Iphan. ‘Minha casa está embargada, quero entender o porquê’. Outros se voltavam para questões coletivas. A partir dessa experiência, as pessoas foram escolhendo os temas com os quais gostariam de trabalhar. E assim se formaram os diversos grupos, unidos por questões temáticas específicas, um ponto marcante do curso que confirmou o acerto do trabalho pedagógico. Nesse sentido, também colhemos bons frutos”.

Essa opinião certamente é compartilhada pelos guardiões de Ouro Preto, dentre eles Márcia Aparecida da Silva Santos, legítima cidadã ouro-pretana. Professora das primeiras séries do ensino fundamental, ela declara que sempre gostou muito da cidade, participando desde criança de várias de

suas manifestações religiosas, que considera de uma riqueza muito grande. “Fui influenciada pelas idéias do padre José Feliciano Simões, pároco do Pilar, onde moro. Ele é um ferrenho defensor da cultura local e do patrimônio histórico. Quando me tornei professora, fiquei preocupada ao verificar que os alunos tinham pouco ou nenhum conhecimento sobre a história de Ouro Preto. Era como se caminhassem sobre uma mina muito valiosa, sem saber. Por isso, sempre que possível, levo meus alunos para visitas a monumentos”. Márcia era, portanto, uma ótima candidata ao curso. “A experiência foi excelente. Na introdução, analisamos nossa própria trajetória de vida e nossos valores. Estamos habituados a ver a história como algo distante de nossa vivência. O curso mudou essa perspectiva. Agora percebemos que fazemos parte dela. Além disso, devo dizer que o entrosamento com a turma foi muito bom. Eu tinha prazer em ir às aulas. Mesmo chegando cansada, após um dia de trabalho”.

E a orientação do Guardiões do Patrimônio ficou bem clara em seu logotipo. Nele, duas figuras humanas estilizadas formam o telhado de uma casa com os braços, ao mesmo tempo em que sugerem um gesto protetor. Como convém às logomarcas, o desenho, econômico nos traços, transmite o recado com eficiência e simplicidade. A marca admite uma segunda leitura.

Foi o que fizeram alguns alunos, como Lorene Dutra Moreira, professora de História na rede municipal. “Enquanto guardiões do patrimônio, remetemos à imagem dos anjos, tão bem representados na arte barroca das igrejas de Ouro Preto, e que nos lembram a idéia de guardar, proteger, preservar”. Ela explica que o projeto Guardiões chamou sua atenção porque fazia tempo que vinha trabalhando em educação patrimonial com seus alunos.

Ao final do curso, Lorene, Ana Carolina Miranda e Andréia Aparecida de Castro formularam um projeto para reavivar uma antiga tradição local, um tanto esquecida, a feitura de “amêndoas”, um doce à base de amendoim e açúcar, distribuído para as crianças que se vestiam de “anjos” para a procissão da ressurreição, na Semana Santa, e para as festividades do mês de maio. De acordo com suas pesquisas, o costume de dar amêndoas a crianças, no decorrer de comemorações judaicas, remonta aos tempos bíblicos. Mais tarde, a tradição seria apropriada pelos portugueses e trazida para o Brasil. Mas a prática correu risco de desaparecer, embora tenha grande significado para muita gente. A confecção dos doces é demorada e cada vez menos pessoas se dedicavam a produzi-los. O projeto, apresentado à Secretaria de Cultura, acabou sendo aproveitado em outra iniciativa patrocinada pelo Programa Monumenta: o **Calendário das Manifestações Populares de Ouro Preto**.





**Novo tempo para
as festas populares**



Novo tempo para as festas populares

Ouro Preto com seus doze distritos é município muito rico em manifestações culturais, que geralmente estão associadas a festividades da igreja católica. Contudo, elas vinham perdendo o vigor nas últimas décadas. Algumas, que só existiam na memória da população, estavam na iminência de cair em completo esquecimento. As comunidades, com a auto-estima em baixa, não se sentiam estimuladas a preservá-las. Em 2005, a Agência de Desenvolvimento Econômico e Social de Ouro Preto (Adop), em parceria com a prefeitura, apresentou ao Programa Monumenta o projeto Calendário das Manifestações Populares para resguardar o patrimônio imaterial local e também aumentar os atrativos turísticos do município. O projeto previa a realização de oficinas destinadas aos cidadãos das diversas comunidades e a feitura de um calendário para a divulgação das manifestações populares ouro-pretanas por todo o país. O calendário lembraria uma festividade ou expressão cultural por mês. Com o projeto aprovado, o primeiro passo foi consultar as comunidades, para que indicassem quais itens da tradição gostariam de ver resgatados, tanto na sede como nos distritos. Concluída essa etapa, começaram as oficinas, em 2006.

- Em janeiro, o morro de São Sebastião festeja seu padroeiro. A cada ano uma família guarda a bandeira do santo, que os devotos vão buscar para uma procissão. Durante muito tempo foi costume dos anfitriões recebê-los com café e biscoito “palito”, trazido de uma padaria tradicional. A partir de meados da década de 1970, a recepção foi suprimida das festividades, sendo retomada só em 2003, por uma família que resolveu comemorar a rigor o 250º aniversário da capela de São Sebastião. Por ter sido o tema mais lembrado pelos moradores, o “café com biscoito” foi resgatado por meio de uma oficina de culinária. Nela, os participantes aprenderam a fazer o biscoito, com a receita cedida pela padaria. E o antigo costume ressurgiu na festa do padroeiro.
- Por ser muito famoso, o carnaval de Ouro Preto atrai multidões, que se comprimem nas ruas estreitas da cidade histórica, mergulhadas em intensa balbúrdia, típica do período. Devido ao tumulto, boa parte da população, se não sai da cidade, também não sai de casa. Principalmente as pessoas de mais idade. No passado, o carnaval ouro-pretano tinha outras características: as pessoas, sozinhas ou em pequenos grupos, iam às ruas fantasiadas para



brincar ou para assistir a desfiles de cordões, blocos e bandos de mascarados. Cada um criava e confeccionava a própria fantasia, de acordo com sua habilidade. Levando em conta esse aspecto, a equipe do projeto decidiu reavivá-lo para que a comunidade voltasse a se apropriar de elementos que a cativavam no passado. Assim foi planejada a oficina *Fantacias e adereços do carnaval ouro-pretano*. Os participantes exercitaram sua capacidade criativa, trabalhando com grande variedade de modelos de máscaras e de fantasias, utilizando tintas, lantejoulas, fitas de cetim, tecidos etc. E depois caíram na folia.

- Março foi reservado para o Boi de Manta, embora a festa seja móvel, podendo acontecer em qualquer época. Na comunidade de Santo Antônio do Leite havia necessidade de reformar as indumentárias, bonecos e as movimentações cênicas. O espetáculo, que deve obedecer a um conjunto mínimo de regras, é comandado por um apresentador. Na oficina as pessoas aprenderam as cantigas da festa, a dançar, enquanto o “boi” passava por reparos e ganhava roupa nova. A oficina foi encerrada com uma apresentação para a comunidade, em frente a uma capela, como parte das comemorações do dia de São José.

- Um evento marcante da Semana Santa em Ouro Preto é a Procissão da Ressurreição, em que o cortejo segue pelas ruas caminhando sobre tapetes de serragem coloridos, decorados com uma infinidade de desenhos. A prefeitura tem fornecido a serragem já tingida para que a comunidade crie seus tapetes nas ruas. Contudo, a obtenção das cores é essencial para a expressão artística. Na oficina do projeto, que aparece em abril no calendário, além de aprender os métodos de tingimento, os participantes aprenderam a utilizar outros materiais, como borra de café, palha de arroz, raspas de couro, flores etc. e criaram os motivos que desenhariam nas ruas. No encerramento da oficina, todos estavam fazendo tapetes, sem muita interferência do mestre.
- As “amêndoas”, que foram para o calendário em maio, são um doce cujo preparo exige muito trabalho e paciência. Embora sejam distribuídas com freqüência em diversas festividades, a maioria das pessoas nunca soube como prepará-las. Na oficina realizada no distrito de Santa Rita, os participantes puseram as mãos na massa, usando açúcar, amendoim – os ingredientes básicos – e também cravo, canela e erva-doce. Com os dedos de uma das mãos cobertos com casca de pinhão, arranjo que torna possível o manuseio da mistura fervente. É um ofício muito refinado, delicado, e cada

etapa é decisiva para o resultado final. A oficina terminou com a coroação da Virgem Maria, quando foram entregues os cartuchos de amêndoas às crianças que se vestiram de anjos para, com seus cantos, homenagear também a padroeira da localidade.



- Ouro Preto comemora seu aniversário em 24 de junho, dia de São João. Nessa data, em 1698, o bandeirante Antônio Dias teria alcançado o local onde se ergue a cidade histórica, dando ordens para a construção de uma capela no terreno em que acampou, dedicada ao santo do dia. Portanto, as festividades juninas têm raízes profundas no município. A *Essência da quadrilha de São João* foi o nome dado à oficina criada para contar a história do santo e da festa, resgatando os enfeites, trajes e comidas típicas. Os participantes se envolveram com uma série de trabalhos, confeccionando cartazes, bandeirinhas e roupas para a quadrilha.
- O distrito da Chapada festeja Sant'Ana em julho. E uma quadrilha faz parte dos festejos. Sua característica marcante é a encenação de um casamento, muito teatral e acompanhado de alguns passos diferentes das quadrilhas comuns, com os participantes vestidos com indumentária improvisada: ali o costume é montar o figurino reciclando roupas velhas. Embora tradicional, a apresentação da quadrilha não se realizava havia mais de 10 anos. Por isso foi oportuna a oficina *Indumentária e resgate – a cultura e a arte de brincar a quadrilha de Sant'Ana*, encerrada com uma apresentação para a comunidade. A dança foi bem executada e aplaudida pelo público, que depois dedicou sua atenção a uma grande panela de canjica.

- Agosto é o mês da festa de Nossa Senhora da Conceição da Lapa, no distrito de Antônio Pereira. No passado, lanternas artesanais, de folhas de flandres, iluminavam as ruas percorridas pela procissão com a imagem sacra. A oficina *Confecção de lanternas* foi desenvolvida para resgatar essa tradição. Desde o início dos trabalhos, as participantes fixaram a meta de produzir 400 lanternas – quantidade suficiente para enfeitar ao menos parte do trajeto percorrido pelo cortejo. A oficina alcançou o objetivo: após o encerramento, muitas participantes continuaram a produzir lanternas para a festa em suas casas – sinal de que a tradição agora tem bases firmes para persistir.
- A festa de São Gonçalo, no distrito de Amarantina, é muito conhecida pela “cavalhada”. Antigamente, era costume os cavaleiros jogarem cartuchos de papel cheios de “amêndoas” para o público. As “amêndoas” também eram distribuídas na chegada da procissão de São Gonçalo. Durante a oficina *Simbologia da amêndoas na festa*, os participantes aprenderam a fazer o doce e também a respeito da história da cavalhada e da comemoração religiosa. O trabalho durou até que houvesse amêndoas suficientes para repartir entre os integrantes da procissão.



- Com a participação de representantes de comunidades de diversos distritos, o projeto realizou a oficina *Confecção de bandeiras, estandartes e adereços para ornamentação dos festejos religiosos de Ouro Preto*. Ela se justificava porque a maior parte das manifestações devocionais da população conta com a confecção e a benção de bandeiras com imagens dos santos homenageados, e era preciso recuperar os significados e iconografias e aprimorar as técnicas de confecção desses objetos. No decorrer dos trabalhos, os participantes tiveram uma introdução à cultura das bandeiras, sua origem, particularidades e também sobre outras atividades relacionadas ao uso das bandeiras, como danças e folias, procissões e festas específicas. Na parte prática ocorreu o aprendizado da feitura dos pôsteres decorados sobre tecido e o arranjo da ornamentação em relevo, além da preparação da madeira utilizada como base para o pano. Os resultados da oficina puderam ser apreciados no ciclo de Nossa Senhora do Rosário de 2006, que é mencionado em outubro, no calendário.
- No distrito de Rodrigo Silva, em novembro, realiza-se a festa de Santa Cecília, conhecida mais como a Festa da Banda, porque ali existe a Sociedade Musical Santa Cecília, fundada por ferroviários no início do século 20. No arquivo da entidade há composições feitas pelos trabalhadores que

mostram o grande apuro musical dos compositores. Com mais de cem anos, a banda continua a tocar, apoiada pela comunidade em peso. Mesmo assim, os coordenadores do projeto resolveram desenvolver a oficina *Resgate da memória da festa*, abordando a história da banda e seu elemento fundamental, a música, para que a comunidade se envolvesse histórica e afetivamente cada vez mais com o patrimônio que lhe pertence. O encerramento da oficina se deu com uma apresentação da banda na antiga estação ferroviária, hoje desativada. No local também houve mostra dos trabalhos produzidos durante a oficina, além da exposição de desenhos, pinturas, fantoches, coleção de fotografias e outros objetos pertencentes a membros da comunidade.

- Os grupos de pastorinhas, formados por crianças, são manifestações populares que ocorrem durante o Ciclo de Natal, que se estende do final de dezembro a 2 de fevereiro, dia de Nossa Senhora das Candeias. As pastorinhas representam os personagens de presépios – anjo, estrela, pastoras e pastores, florista, cigana, José e Maria. Tradicionalmente, em diversas regiões do Brasil, elas visitam presépios, cantando louvores ao menino Jesus. Durante a apresentação, as crianças recolhem esmolas, distribuem flores, dançam e, em alguns grupos, tocam pandeiros ou são acompanhadas por músicos.

Em Ouro Preto, no bairro do Padre Faria, se reúne o grupo mais antigo da cidade, que vem sendo renovado há quase 80 anos. Na oficina *O folclore do ciclo natalino*, o tema foi desenvolvido por meio de contação de histórias, enquanto as crianças também aprendiam o significado das roupas e cores e do oferecimento de flores, como eram confeccionadas. Aos poucos, por meio de exercícios específicos, também treinaram canto. Após a estréia, em 15 de dezembro de 2006, as meninas se apresentaram durante todo o ciclo natalino.

Na avaliação dos realizadores, as oficinas alcançaram plenamente seus objetivos. As pessoas se envolveram, interessadas em saber mais sobre a história, as tradições e a cultura das festas populares. Para alguns, o aprendizado da feitura de objetos se tornou fonte de renda, despertando em vizinhos e amigos o interesse pela realização de novos cursos e oficinas. No total foram impressos quatro mil calendários para 2007 e 2008. A metade com recursos do projeto e o restante com dinheiro da Adop. A peça gráfica primeiro foi distribuída no município, entre os participantes das oficinas. Depois, foi enviada para grande número de entidades de classe, agências de turismo de todo o Brasil, hotéis, empresas públicas e privadas, secretarias municipais de turismo e outras instituições.



Luciene Ribeiro, coordenadora técnica da Agência de Desenvolvimento Econômico e Social de Ouro Preto, informa que a distribuição foi ampla e alcançou todos os estados do país. Ela acrescenta: "A resposta foi muito boa, dada a quantidade de mensagens eletrônicas e telefonemas que recebemos pedindo informações sobre as festas, que agora serão permanentes, com as características que foram mostradas no calendário. Sabemos que as comunidades têm mais coisas para mostrar. Agora elas estão se mobilizando para resgatar outras tradições. A intenção é incluí-las no calendário. Vamos procurar parceiros para isso".





O resgate de Santa Rita Durão



O resgate de Santa Rita Durão

Em data imprecisa, na passagem do século 17 para o século 18, o bandeirante Salvador Faria de Albernás encontrou ouro no Ribeirão do Carmo, em um sítio que hoje é distrito do município de Mariana. Em vista de outros achados, que poucos anos antes haviam dado início ao grande ciclo das Minas Gerais, Albernás não foi particularmente feliz. Os aluviões que cavou mostraram minério de má qualidade. Devido a isso, o local ficou conhecido como “inficcionado”. Mesmo assim, como ouro é ouro, o bandeirante não teve motivos para se queixar, pois certamente fez fortuna e ganhou projeção. A desgraça viria alguns anos depois. Médico prático, Albernás acabou nas garras da inquisição, acusado de bruxaria. De passagem pelo Rio de Janeiro, a caminho de Lisboa, onde seria processado, sua prisão foi relaxada para que ele, solidário, pudesse socorrer doentes de varíola. A doença o matou.

O povoado que deixou para trás foi batizado Nossa Senhora de Nazaré do Inficcionado, em 1718. Onze anos mais tarde, a comunidade inaugurou a igreja matriz, dedicada à padroeira. Com várias reformas ao longo de quase três séculos, o templo vem resistindo à passagem do tempo como

um dos monumentos mais importantes da região. Ainda no século 18, a vila ganhou a capela de Nossa Senhora do Rosário, outra construção de grande valor histórico e arquitetônico. Depois, o ouro acabou e o Inficionado virou mais um entre os muitos lugarejos esquecidos do interior do país. Em 1895, a Câmara de Mariana decidiu rebatizá-lo com o nome de Santa Rita Durão, em homenagem ao frei José de Santa Rita Durão, poeta que nasceu ali na década de 1720.

Por estar situado em local de difícil acesso, a cerca de 40 quilômetros de Mariana e a 60 de Ouro Preto, o distrito tem permanecido fora do circuito turístico, a despeito de sua importância histórica e cultural. Mesmo os turistas mais qualificados, que visitam a região acompanhados por guias, ignoram o distrito. Mas essa situação tende a mudar. Para divulgar suas atrações, principalmente as duas igrejas, o Programa Monumenta patrocinou o projeto *Conhecendo o Patrimônio Arquitetônico e Cultural de Santa Rita Durão*, proposto pelo Cefet – Centro Federal de Ensino Tecnológico de Ouro Preto. Dessa vez, a professora Lorene Dutra Moreira, uma das “guardiãs do patrimônio”, que não conseguiu tocar seu projeto de resgate da tradição das amêndoas, pôde engajar-se como queria em uma ação de envergadura nessa área. Com Luiz Roque Ferreira e Maria Dalva Martins,

professores do Cefet, Lorene foi estimulada a agir depois de ler o edital do Monumenta abrindo inscrições para a apresentação de projetos relacionados com o resgate do patrimônio imaterial e educação patrimonial. O trio sabia, naturalmente, que a região oferecia muitas possibilidades nessa área, e fez pesquisas em distritos de Ouro Preto e de Mariana, elegendo Santa Rita Durão como objetivo prioritário. Em seguida, fez um pré-projeto e apresentou ao Cefet, que aceitou dar seu apoio.

De fato, algo precisava ser feito em benefício do distrito. Além de não constar do roteiro turístico, sua população, de cerca de 5 mil habitantes, desconhecia o valor do patrimônio arquitetônico local. Os católicos valorizavam as igrejas por devoção. E praticamente não reconheciam seu patrimônio imaterial. É o caso das festas tradicionais: há pelo menos uma por mês na localidade, com destaque para as comemorações em homenagem à padroeira, preparadas com atenção especial pelos fiéis. Luiz Roque comenta: “Queríamos pôr Santa Rita em evidência, aproveitando algo que existe e que quase ninguém conhece. Uma das propostas do edital era justamente a divulgação do patrimônio, para fomentar o turismo. O que mais chama a atenção nas igrejas são as pinturas. Vários artistas renomados do ciclo do ouro começaram sua carreira no antigo Inficionado. Mas é

preciso lembrar que, na matriz, um altar lateral é obra de Aleijadinho, que alguém copiou quando fez um retábulo do outro lado da nave. O conjunto das obras é muito rico”.

Maria Dalva Martins coordenou o trabalho do grupo, que exigiu cerca de um ano para ser concluído, em abril de 2007. Ela conta: “Fomos a todos os lugares onde era possível encontrar documentos do período, pesquisamos em livros, revistas especializadas e teses acadêmicas. E também entrevistamos pessoas da comunidade, procurando envolvê-las no que fazíamos. Foi a maneira que encontramos para sensibilizá-las, e chamar a atenção para o patrimônio e a necessidade de conservá-lo”. Lorene Moreira se encarregou da redação do livro *As relíquias de Santa Rita Durão: um presente do passado*, que foi o principal produto resultante do projeto. O livro, um dos primeiros registros completos do patrimônio local, foi encaminhado para diversas instituições e bibliotecas, sendo também distribuído na comunidade. Parte ficou com a prefeitura de Mariana. Além do livro, a pesquisa realizada forneceu elementos para a feitura de um DVD, de um calendário de eventos e de uma cartilha de educação patrimonial para crianças do distrito.



Competência
para restaurar



Escola SENAI
do Conhecimento
e Resposta

Competência para restaurar

No começo de maio de 2008, Wanduir Aparecido Malaquias, Paulo César Felipe e Wesley Gomes dos Santos, com alguns auxiliares, reformavam uma casa em Ouro Preto. A construção em que trabalhavam é pequena: três salas, dois quartos, cozinha e banheiro. Mas não se tratava de empreendimento comum. Segundo foram informados, aquela casinha já abrigou muita gente ao longo de 200 anos. Os profissionais são bem jovens, mas tarimbados. Começaram cedo em suas respectivas profissões. Wesley é eletricista. Paulo César e Wanduir são pedreiros. No entanto, o que distingue Wesley e Wanduir é sua qualificação: são ex-alunos da primeira turma do Núcleo de Ofícios da Faop – Fundação de Arte de Ouro Preto. Esse curso inaugural, patrocinado pelo Programa Monumenta, foi organizado para requalificar profissionais da construção civil e treiná-los para trabalhar na reforma e restauração de imóveis antigos. Paulo César chegou a freqüentar o curso. Desistiu no meio do caminho e se declara arrependido. De toda forma, com os dois companheiros se sente seguro para trabalhar no casario antigo da cidade, que exige técnicas específicas para a lida com o pau-a-pique e outros elementos construtivos do passado.

A casa em reformas não exigiu muito. Estava bem conservada, embora tenha sido necessário trocar o madeiramento do telhado e refazer o travamento do pau-a-pique em determinados pontos, entre outros reparos. Durante a reforma, em um dos cantos, uma tira de couro da amarração original sobressaía, pois ainda conservava sua função. Portanto, testemunhava a excelência do trabalho que fora realizado há muito, por artífices anônimos, e a surpreendente robustez do pau-a-pique. Antes do acabamento, as paredes seriam recobertas com massa de cal virgem, deixada curtir em água e depois misturada com areia. Um reboco também muito simples e resistente ao tempo e aos fungos. O aprendizado dessas técnicas e de grande número de informações sobre métodos modernos deixou Wandeir muito satisfeito com o curso da Faop. Wesley, da mesma forma, aprendeu como instalar e a fazer a manutenção em redes elétricas nas antigas construções. Mas ficou particularmente contente por ter aprendido a montar sistemas de iluminação adequados nesses ambientes, construídos em uma época em que a baixa luminosidade era a regra. “Luz forte vai agredir a cor, por exemplo, da pintura que estiver no teto de uma igreja. Então você tem que colocar uma luz bem bacana para dar vida à pintura antiga”, ensina, com gosto.

Como se viu, a criação de um núcleo de ofícios foi uma das propostas da Unesco para Ouro Preto, em 2003. De toda forma, Ana Maria Pacheco, presidente da Faop desde 2005, explica que a fundação sempre teve a intenção de trabalhar com ofícios profissionais. O momento de começar foi quando o Programa Monumenta publicou edital para a montagem de cursos de requalificação de oficiais, pois havia demanda urgente na cidade por mão-de-obra treinada para intervir em prédios tombados. Em consequência, as atividades teriam de ser noturnas, o que foi organizado em parceria com o Cefet e a Universidade Federal de Ouro Preto. Das 204 pessoas que se inscreveram, 120 ocuparam as vagas disponíveis e 99 terminaram os cursos. “Consideramos o resultado excelente para um projeto desenvolvido em período noturno, durante vários meses consecutivos”, diz Ana Maria.

A duração dos cursos foi variável, de acordo com a complexidade das tarefas em cada profissão. Pedreiros e carpinteiros freqüentaram o núcleo durante oito meses. Pintores e ferreiros compareceram durante seis meses.



Dos instaladores e estucadores foi exigido menos: cinco meses. Houve aulas duas vezes por semana, com atividades eventualmente aos sábados. Os que se formaram tiveram 75% de freqüência, um índice considerado bom para adultos, com a média de idade na faixa dos 40 anos: pais de família que trabalham o dia todo, tendo responsabilidades para com a esposa e filhos. Os alunos construíram casa em tamanho real, com paredes de pau-a-pique e de adobe, e telhado em estrutura de madeira, com encaixes (sem pregos). Os professores, da Ufop e do Cefet, foram escolhidos por terem experiência de trabalho com o patrimônio edificado. Também vieram colaborar artífices formados pelo Programa Monumenta em Veneza, na Itália (pedreiro, pintor, carpinteiro e ferreiro).

Na primeira parte do curso foi dada uma introdução sobre história da arquitetura e da cidade, fundamental para que os alunos compreendessem o valor do patrimônio cultural. “Esse primeiro momento foi determinante para a mudança das mentalidades. Temos relatos emocionantes de como



alguns passaram a ver a cidade de uma forma totalmente diferente. Agora sabemos que eles trabalham com outro olhar”, diz Maria Cristina Simão, coordenadora do Núcleo de Ofícios. Os organizadores do curso também tiveram seu aprendizado, segundo Ana Maria: “No primeiro momento era preciso mesmo requalificar profissionais para trabalhos imediatos. Mas descobrimos que é muito pertinente trabalharmos com jovens. É o que fazemos agora, uma vez que temos mais tempo e infra-estrutura para a formação desses artífices mais novos. Também é uma maneira de darmos continuidade ao Núcleo de Ofícios”.

A experiência realizada em Ouro Preto foi repetida pelo Núcleo de Ofícios em Congonhas do Campo, por meio de convênio com a prefeitura da cidade, que também se associou ao Monumenta para formar mão-de-obra destinada à construção civil. “Nossa intenção é continuar trabalhando com adultos, mas com módulos menores, mais especializados. Notamos que a taxa de evasão aumenta na medida da longevidade do curso. Em nossa próxima experiência daremos, por exemplo, ‘telhado 1’, ‘telhado 2’ e assim por diante. Ou seja, o conteúdo será dividido em módulos. Quem estiver muito entusiasmado, fará todos os módulos. Ou, se vai se especializar em algum segmento, bastará freqüentar o módulo específico. Com isso, talvez

possamos sensibilizar o aluno para fazer o curso inteiro. É uma estratégia de estímulo”, explica Ana Maria.

O trabalho com jovens de 16, 17 e 18 anos teve início com o curso Formação Profissionalizante em Arte, Restauro e Ofícios (ARO). Durante os dois anos do curso, os alunos têm noções gerais de cidadania, patrimônio, história da arquitetura e das cidades, ética, cidadania. O ARO começou em 2007, com 60 alunos: 40 de um programa da prefeitura chamado Jovens de Ouro, de famílias pobres, e 20 encaminhados pela associação de um bairro vizinho, que fez parceria com a Faop diretamente. Os adolescentes freqüentam a Fundação nas tardes de segunda a quinta. O ensino de atividades profissionais acontece no segundo ano do curso. O material didático para essa fase foi desenvolvido após a primeira experiência do Núcleo de Ofícios, também com patrocínio do Programa Monumenta: são sete cadernos técnicos sobre os vários ofícios.







Tempos modernos



Tempos modernos

Desde que Belo Horizonte se tornou a capital de Minas Gerais, em 1897, a economia de Ouro Preto permaneceu estagnada por mais de meio século. O que foi ótimo do ponto de vista da conservação dos monumentos. Em 1938, o tesouro arquitetônico e urbanístico da cidade foi tombado pelo SPHAN, órgão antecessor do Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. “Naquela época começaram as preocupações com a integridade dos sítios históricos no país, e Ouro Preto se tornou um ícone da preservação e da identidade nacionais. Não fosse isso e a atuação do Iphan, não teríamos o acervo de hoje”, comenta Maria Cristina Simões, arquiteta-urbanista.

O sossego da cidade-monumento acabou a partir dos anos 1950. “De lá para cá, indústrias se instalaram no município, criaram empregos e atraíram gente. Surgiram bairros novos. Por essa época, começou também a movimentação turística, de forma incipiente. E, com a industrialização, incrementaram-se outros setores, inclusive o educacional. Hoje temos uma universidade aqui. Crescemos simplesmente de forma aleatória, bastante caótica. Nada diferente do que aconteceu em muitas outras cidades do Brasil, um país que não conheceu o planejamento urbano. Ouro Preto

tem problemas, mas não gosto de tirá-la do contexto do mundo em que vivemos”, diz Maria Cristina.

E nesse contexto, naturalmente, entra a especulação imobiliária. “A primeira coisa que mudou foi o valor do solo, que se transformou em capital imobiliário, alterando a configuração urbana, pois aqueles grandes terrenos do passado acabaram. Depois, como parte desse processo de descaracterização, surgiram novas formas de construir. A indústria começou a fabricar telhas, esquadrias metálicas e outros elementos construtivos. E a construção, que ainda é artesanal na forma, incorporou esses novos recursos às edificações. Também sob esse aspecto nossa realidade é a mesma do resto do país”.

O fato é que a descaracterização de Ouro Preto progrediu a passos largos. Com a passagem do tempo, seu patrimônio sofreria de qualquer maneira sob a ação de fenômenos naturais. Na região, é grande a amplitude de oscilação da temperatura durante o ano, assim como a da umidade do ar. Ambas são fatores de desgaste para as edificações no longo prazo. Ao mesmo tempo, microrganismos continuariam a atacar a madeira,



enquanto os cupins desenvolveriam seu trabalho silencioso de cavar galerias nas estruturas do casario, que apresenta fragilidade intrínseca. Fora os antigos prédios públicos, algumas casas de porte maior têm algum embasamento e, às vezes, até algumas paredes inferiores em pedra, mas a maioria é feita de uma composição de madeira com barro, o pau-a-pique. Em geral estão em bom estado. E conservá-las não é tarefa tão difícil. Para isso, Ouro Preto agora tem o Núcleo de Ofícios.



Mas muito pior que os fenômenos naturais e a fragilidade das construções foi o descaso de sucessivas administrações municipais e estaduais, que não refrearam o movimento caótico de expansão urbana, ainda mais numa cidade em que a topografia é fonte de problemas muito sérios, principalmente no entorno da cidade. Fora o relevo acidentado, nas áreas consideradas de risco a estrutura geológica do terreno não dá sustentação às construções. Sem fundações muito reforçadas, qualquer edificação estaria sujeita a danos provocados por movimentações do

terreno, principalmente em períodos de chuva. Isso já aconteceu em várias oportunidades, com graves transtornos.

E a maioria das pessoas não sabe que o município de Ouro Preto guarda uma perigosa herança dos tempos coloniais: 2.204 minas, esparramadas por vários bairros e morros, de acordo com estudo da procuradora Ângela Silva, professora de direito na Universidade Federal de Ouro Preto. “Nessa região, encontram-se diversas galerias subterrâneas abandonadas depois do declínio da produção do ouro. O número de deslizamentos das encostas e desabamentos de construções é proporcional ao número de galerias subterrâneas existentes. Várias ocorrências de erosão e desabamentos estão associadas ao desmoronamento dessas galerias. No caso específico de Ouro Preto, onde muitas minas se localizam na área urbana, debaixo de prédios históricos, os riscos de rompimento das estruturas ou mesmo de desabamento são iminentes”.

Em outra frente, Ouro Preto terá de se entender com o turismo e o trânsito. Para Maria Cristina Simões, “o turismo traz recursos, mas também é uma atividade predadora, na medida em que chega espontaneamente. Interfere na cultura, nas relações sociais locais. Degrada o ambiente urbano e rural.

Temos em Ouro Preto uma série de eventos que atrai muita gente de fora, enchendo a cidade de carros. Contudo, o impacto do turismo necessariamente não será ruim, desde que a atividade seja organizada e monitorada. A cada dia, vejo que a cidade está tentando caminhar nessa direção, para receber um fluxo de pessoas mais adequado à sua natureza”.



Multiplicidade de ações



Multiplicidade de ações

Nos últimos anos, muita coisa tem mudado para melhor em Ouro Preto, atesta, com ressalvas, Benedito de Oliveira, diretor do Iphan: “As ocupações continuam no Morro da Queimada, sítio arqueológico. O tombamento de Ouro Preto é um tombamento completo. Envolve também a paisagem, que funciona como se fosse o fundo de um quadro. Se ela é alterada, altera-se o quadro. E temos o problema das obras irregulares. Por causa delas, o Iphan abriu mais de 300 processos contra os proprietários. Felizmente, também já temos uma promotoria só para cuidar do patrimônio, instalada após o congresso de Olinda, em 2002. Sob esse aspecto, a promotoria é a nossa maior aliada aqui”.

Quanto à recuperação do patrimônio edificado, é preciso destacar investimentos consideráveis, que têm sido realizados por organismos estatais, empresas e entidades privadas, por meio dos mecanismos da Lei Rouanet. Entre as restaurações mais importantes desse grupo estão a do prédio do antigo Hotel Pilão, a do ramal ferroviário que liga Ouro Preto a Mariana e a do Museu da Inconfidência. O governo estadual investiu no Casarão Bernardo Guimarães, onde está instalada a Fundação de Arte de

Ouro Preto. E há diversas obras de envergadura em andamento, como as que se realizam no Paço da Misericórdia, antiga Santa Casa, financiada pelo BNDES, que será transformada em centro de artesanato. Por seu turno, a prefeitura está tombando distritos e implantando o parque ambiental Cachoeira das Andorinhas, atrás do Morro da Queimada. E, com financiamento da Companhia Vale do Rio Doce, recupera o antigo Jardim Botânico.



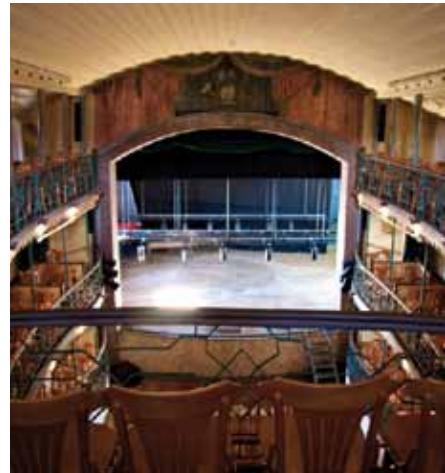


As obras sob a responsabilidade do Programa Monumenta, que começaram logo após a assinatura do convênio pela prefeitura, em 2000, nunca pararam, informam a arquiteta Vanessa Araújo Braide, coordenadora da Unidade Executora de Projetos local, e o administrador público Wanderson José Gomes. Do valor total do convênio, pouco superior a 15 milhões de reais, 7,4 milhões haviam sido investidos até fevereiro de 2008. Na época, parte do restante estava comprometida via empenhos, faltando contratar obras no valor aproximado de 5 milhões de reais. O marco inicial das intervenções do Monumenta foi a restauração da Ponte de Marília, seguida da primeira fase de recuperação da capela de Nossa Senhora das Dores, cuja cobertura estava sob risco de desabamento iminente. Primeiro se realizaram os trabalhos de emergência. Na oportunidade, foi organizado um curso para o treinamento de mão-de-obra especializada na recuperação de telhados. Afastado o perigo de arruinamento, começou a etapa de restauração, encerrada em 2004. Nessa segunda fase, os trabalhos envolveram toda a parte arquitetônica, com restauração de pisos, revestimento e forros, assim como os bens integrados, elementos artísticos, altares, e também o adro e o jardim, com instalação de bancos e iluminação.





Seguiram-se numerosas intervenções. Algumas se destacaram, como a restauração da Casa do Folclore. A edificação, que pertence à prefeitura e onde sempre se realizaram os ensaios da banda de música da cidade, estava em péssimo estado de conservação. Depois chegou a vez da Casa da Baronesa, doada pela família proprietária ao Iphan, que ali funciona desde 1940. O monumento, que já passou por várias etapas de restauração, ainda tem reforma prevista. Isso porque, em 2003, com o incêndio do Hotel Pilão, que é contíguo, a cidade foi obrigada a rever antigos conceitos de combate ao fogo. Assim, a Casa da Baronesa terá sistema de segurança especial. Um dos itens principais é uma caixa d'água subterrânea, com capacidade para dez mil litros, dotada de bomba exclusiva. Além disso, o forro será isolado do telhado por manta anti-chamas. O Monumenta também restaurou o Teatro Municipal (antiga Casa da Ópera), construído no século 18, o mais antigo da América Latina ainda em funcionamento, e a casa de Tomás Antônio Gonzaga, que hoje abriga a Secretaria de Turismo e Cultura.





Outra obra de grande importância para melhorar a qualidade de vida da população foi a recuperação e o tratamento paisagístico do Horto Botânico Vale dos Contos, grande área verde de 28 hectares, localizada no centro histórico. Entregue aos ouro-pretanos ainda no primeiro semestre de 2008, o Horto, além de ser componente destacado na paisagem da cidade, é área de lazer: contém anfiteatros, quadra esportiva, parque infantil, lanchonete, mirantes e trilhas. Outras ações estão previstas na área do tombamento, onde há cerca de 2 mil construções, fora os monumentos. Algumas já foram realizadas em parte, como a passagem da rede elétrica aérea para dutos subterrâneos.

Também já foi atendida em parte uma antiga reivindicação de pessoas preocupadas com a segurança do patrimônio: o ordenamento do trânsito de veículos, através da implantação de uma série de diretrizes e da criação de um departamento de trânsito pela prefeitura. Caminhões com peso superior a dez toneladas não mais circulam pelo centro histórico. E a parte central da praça Tiradentes, que já foi considerada o “mais belo estacionamento do mundo”, será domínio exclusivo dos pedestres dentro em breve. Para isso o Programa Monumenta elevará essa área, impedindo a parada de veículos. A mesma providência será tomada no entorno da Igreja do Pilar: os veículos não mais passarão rente ao templo. A movimentação de carga e descarga também será disciplinada, para que seja efetuada em horários programados, quando não houver grande número de veículos e de pessoas circulando.

Por fim, existe a linha de financiamentos para proprietários de imóveis que queiram reformar a estrutura, fachada, cobertura e instalações elétricas das construções. As condições dessas operações administradas pela Caixa Econômica Federal são muito favoráveis para os tomadores: não existe cobrança de juros, a correção é anual, com base na variação do INPC, e o prazo de pagamento é dilatado – 15 anos. Ao ser publicado o primeiro edital de convocação, a UEP (Unidade Executora de Projeto) de Ouro Preto

expediu mais de 600 cartas convidando potenciais interessados. Poucas pessoas compareceram. Onze imóveis foram selecionados, mas apenas sete contratos terminaram assinados, no valor de 600 mil reais, aproximadamente. Após a conclusão das obras em algumas dessas unidades, a procura pelos financiamentos teve crescimento expressivo. A lista dos que estavam à espera de um segundo edital ainda crescia em princípios de maio de 2008.







Investimentos nas Ações Concorrentes do Programa Monumenta em Ouro Preto

Projeto

Revitalização do Artesanato de Taquara/Lavras Novas

Financiador

Programa Monumenta/MinC

Realizador

ReGar

Objetivo

O projeto objetivou a implantação de um modelo de turismo sustentável no distrito de Lavras Novas, a fim de torná-la, a longo prazo, um modelo de destino turístico no estado de Minas Gerais, a partir da revitalização do artesanato de taquara.

Atividades

Realizar a Oficina de Resgate do Artesanato da Taquara.

Realizar a Oficina de Manejo Sustentável da Taquara.

Realizar a Oficina de Criatividade em Artesanato.

Criar a Associação dos Artesãos em Taquara de Lavras Novas.

Promover a capacitação da comunidade em técnicas de cultivo e manejo sustentável da taquara.

Contribuir para o desenvolvimento de uma atividade turística sustentável no distrito de Lavras Novas.

Valor

Monumenta	Contrapartida	TOTAL
R\$ 18.000,00	R\$ 4.500,00	R\$ 22.500,00

Período de execução

01/03/2006 a 26/10/2006

Projeto

Calendário de Manifestações Populares do Centro Histórico e Distritos

Financiador

Programa Monumenta/MinC

Realizador

ADOP - Agência de Desenvolvimento Econômico e Social de Ouro Preto

Objetivo

Elaborar um calendário e realizar oficinas de mobilização para divulgar as festas populares de Ouro Preto, fomentando o turismo e o conhecimento das tradições locais.

Atividades

Realizar 12 oficinas com temas diversos (uma por festa) – culinária, indumentária, confecção de objetos de ornamentação e adorno, música e dança – para 20 alunos cada, ministradas por mestres de ofícios e festeiros, no sentido de valorizar as festividades populares.

Promover o aperfeiçoamento das habilidades e competências das comunidades.

Reunir num Calendário de Festas Populares os registros orais, documentais e imagéticos, fontes de investigação e difusão da cultura local.

Criar, produzir e distribuir o Calendário de Festas Populares de Ouro Preto e Distritos para promoção do turismo sustentável.

Incentivar o uso do Calendário como peça didática no ensino de educação patrimonial.

Contribuir para salvaguarda do patrimônio imaterial.

Contribuir para a valorização dos mestres detentores de práticas, conhecimentos e técnicas, reconhecidos pelas comunidades locais.

Valor

Monumenta	Contrapartida	TOTAL
R\$ 75.300,00	R\$ 40.440,00	R\$ 115.740,00

Período de execução

15/06/2006 a 04/12/2006

Projeto

Escola Senai de Conservação e Restauração

Financiador

Programa Monumenta/MinC

Realizador

SENAI-MG

Objetivo

O projeto realizou um curso de formação e aperfeiçoamento de mão-de-obra especializada em seis áreas relacionadas à conservação e restauração de edifícios históricos, visando à formação de 120 profissionais da construção civil em Mariana e Ouro Preto.

Atividades

Capacitar profissionais nas áreas de conservação, restauração e revitalização de edificações e sítios históricos, tornando-os também agentes culturais de preservação do patrimônio. Promover a valorização, a preservação e a conservação do patrimônio histórico, artístico e cultural, ampliando o potencial turístico e a economia das localidades.

Capacitar e certificar pedreiros de alvenaria, pedreiros restauradores, pintores de obras, pintores restauradores, carpinteiros, carpinteiros restauradores e eletricistas instaladores prediais.

Preparar os profissionais no resgate de técnicas construtivas tradicionais, contribuindo com isso para a sustentabilidade integrada do patrimônio histórico.

Contribuir para a colocação dos futuros profissionais no mercado de trabalho.

Preparar profissionais para assegurar a qualidade das obras de restauração.

Valor

Monumenta	Contrapartida	TOTAL
R\$ 100.373,92	R\$ 71.341,50	R\$ 171.715,42

Período de execução

06/03/2006 a 30/11/2006

Projeto

Guardiões do Patrimônio: Projeto de Formação Continuada de Multiplicadores da Preservação Sustentável do Patrimônio Cultural

Financiador

Programa Monumenta/MinC

Realizador

FEOP - Fundação Educativa de Rádio e Televisão Ouro Preto

Objetivo

Projeto de educação patrimonial em Ouro Preto por meio de metodologia experimental de desenvolvimento de produtos e serviços de educação patrimonial para formação de multiplicadores da preservação sustentável do patrimônio cultural.

Atividades

Desenvolver o programa didático-pedagógico.

Implantar o programa didático-pedagógico.

Avaliar o projeto e estudo para continuidade e universalização do programa.

Valor

Monumenta	Contrapartida	TOTAL
R\$ 123.070,00	...	R\$ 123.070,00

Período de execução

21/12/2005 a 21/11/2006

Projeto

Apoyo à Elaboração da Legislação Urbanística do Município de Ouro Preto

Financiador

Programa Monumenta/MinC

Realizador

Prefeitura Municipal

Objetivo

Apoyo à complementação do Plano Diretor da cidade, já aprovado, nos aspectos referentes aos distritos do município.

Atividades

Revisão do Plano Diretor Participativo.

Revisão e consolidação do Zoneamento e da Lei de Parcelamento, e da Lei de Uso e Ocupação do Solo, referentes aos distritos de Ouro Preto.

Valor

Monumenta	Contrapartida	TOTAL
R\$ 187.746,00	R\$ 37.746,00	R\$ 225.492,00

Período de execução

Projeto em andamento

Projeto

Formação de Artesãos para Utilização de Bambu

Financiador

Programa Monumenta/MinC

Realizador

UEP – Unidade Executora de Projeto

Objetivo

O projeto tem como objetivo a formação de artesãos para utilizar o bambu como matéria-prima em produtos diversos nos distritos de Santo Antônio do Salto, Lavras Novas (no subdistrito de Chapada), município de Ouro Preto/MG.

Atividades

Criar núcleos de artesãos nos distritos contemplados.

Capacitar artesãos para a utilização do bambu como matéria-prima.

Garantir a sustentabilidade e o manejo da matéria-prima.

Possibilitar o intercâmbio de habilidades específicas.

Proporcionar aos artesãos a vivência em atividades associativas relacionadas à promoção de aspectos empreendedores, fortalecendo conceitos de artesanato e turismo.

Proporcionar aos artesãos o entendimento do processo sistêmico da cadeia produtiva do turismo e interação dos setores que compõem o sistema.

Valor

Monumenta	Contrapartida	TOTAL
R\$ 45.150,46	...	R\$ 45.150,46

Período de execução

Projeto em andamento

Projeto

Execução e Implantação do Programa de Educação Patrimonial do Vale dos Contos

Financiador

Programa Monumenta/MinC

Realizador

UEP – Unidade Executora de Projeto

Objetivo

Implantar o Programa de Educação Patrimonial do Vale dos Contos – Horto Botânico, com ênfase para o conjunto arquitetônico, por meio de atividades lúdicas e eventos relacionados à música mineira.

Atividades

Desenvolver atividades práticas por meio de apresentações musicais, teatrais e visitas ao Vale dos Contos – Horto Botânico, preparadas e orientadas por profissionais qualificados, para alunos das redes municipal e estadual da cidade de Ouro Preto.

Levar o público em geral a reconhecer a importância histórica do parque, buscando preservar sua compatibilidade com a função básica de pólo turístico, educacional, e de valores culturais, urbanísticos, ambientais.

Ordenar e desenvolver as funções da cidade referentes ao Vale dos Contos – Horto Botânico, garantindo que a propriedade urbana cumpra sua função social.

Possibilitar o intercâmbio de conhecimentos e propostas entre escolas da rede pública, municipal e estadual, grupos da melhor idade, comunidade e turistas, por meio do projeto de educação patrimonial, abarcando também as áreas de educação ambiental, cultural e arquitetônica.

Valor

Monumenta	Contrapartida	TOTAL
R\$ 60.000,00	...	R\$ 60.000,00

Período de execução

Projeto em andamento

Projeto

Exposição Itinerante com objetos encontrados no Vale dos Contos

Financiador

Programa Monumenta/MinC

Realizador

UEP – Unidade Executora de Projeto

Objetivo

Desenvolver ação de educação patrimonial, tendo em vista o conhecimento do acervo arqueológico do Parque Vale dos Contos/Horto Botânico, por meio da execução de exposição itinerante.

Atividades

Produção do conteúdo da exposição.

Montagem da exposição.

Exposição – Acervo arqueológico do Parque Vale dos Contos / Horto Botânico.

Valor

Monumenta	Contrapartida	TOTAL
R\$ 59.800,00	...	R\$ 59.800,00

Período de execução

Projeto em andamento

Projeto

Criação e confecção de material gráfico promocional do Vale dos Contos e Horto Botânico

Financiador

Programa Monumenta/MinC

Realizador

UEP – Unidade Executora de Projeto

Objetivo

Elaborar material promocional e educativo para divulgação referente aos valores culturais, urbanísticos e ambientais do Parque Vale dos Contos/Horto Botânico, promovendo a sua utilização como local de lazer e exploração turística economicamente sustentável.

Atividades

Produção e revisão de texto.

Registro fotográfico.

Preparação da arte final.

Impressão gráfica.

Valor

Monumenta	Contrapartida	TOTAL
R\$ 58.400,00	...	R\$ 58.400,00

Período de execução

Projeto em andamento



MONUMENTA

 **IPHAN** 

 **BRASIL**
Ministério
da Cultura
ESTADO DE SÃO PAULO



MONUMENTA



Ministério
da Cultura

